

FORMAÇÃO ACADÊMICA, LÍNGUAS E LITERATURAS E PERSPECTIVA SÓCIO- HISTÓRICA DE TIMOR-LESTE: UM DIÁLOGO COM O PROFESSOR DR. BENJAMIM DE ARAÚJO E CÔRTE-REAL

**FORMASAUN AKADÉMIKA, LÍNGUA NO LITERATURA NO PERSPEKTIVA
SÓSIO-ISTÓRIKA TIMOR-LESTE: DIÁLOGU HO PROFESÓR DR. BENJAMIN
DE ARAÚJO E CORTE-REAL**

*ACADEMIC TRAINING, LANGUAGES AND LITERATURE, AND THE SOCIO-
HISTORICAL PERSPECTIVE OF EAST TIMOR: A DIALOG WITH PROFESSOR DR.
BENJAMIM DE ARAÚJO E CÔRTE-REAL*

Érica Marciano de Oliveira*

Leitorado Guimarães Rosa na Universidade Nacional Timor Lorosa'e (LGR-UNTL)

Vicente Paulino**

Universidade Nacional Timor Lorosa'e (UNTL)

Professor Dr. Benjamin Côrte-Real foi um dos primeiros reitores da Universidade Nacional Timor Lorosa'e e (UNTL) – Timor-Leste. Em 2023, recebeu o *Prémio Educação*, na 7ª Edição da *Gala Prémios da Lusofonia*, em Estoril – Portugal, um reconhecimento pelo seu trabalho

* Licenciada em Letras Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em 2016. Mestra em Linguística (2018) e Doutora em Linguística (2023), área de Sociolinguística e Dialectologia, pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL-UFSC). Atualmente, é Professora Leitora Guimarães Rosa na Universidade Nacional Timor Lorosa'e (UNTL) – Timor-Leste. Email: ericamarcianodeoliveira@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8155-4563>

** Doutor em Estudos de Literatura e Cultura/especialidade em Cultura e Comunicação pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (Ulisboa), Lisboa, Portugal. Estágio Pós-doutoral na Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), São Paulo, Brasil. Professor Convidado da Universidade Nacional Timor Lorosa'e (UNTL), Díli, Timor-Leste. Investigador do Centro de Estudos de Cultura e Artes da Universidade Nacional Timor Lorosa'e (UNTL), Díli, Timor-Leste. Investigador do Instituto de Estudos de Literatura e Tradição da Universidade Nova de Lisboa (IELT-FCSH-NOVA), Lisboa. E-mail: vicentepaulino123@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0215-9712>

de excelência realizado na educação timorense. É linguista, autor da tese, *Mambai and its verbal art genres — A cultural reflection of Suro-Ainaro, East Timor*, defendida na Universidade Macquarie, em Sydney - Austrália, em 1998. Foi o primeiro diretor do Instituto Nacional de Linguística da UNTL.

Professor Dr. Benjamin, primeiramente, agradecemos a sua disponibilidade em nos conceder essa entrevista que será publicada na primeira edição da Dadolin, Revista de Línguas e Literaturas, organizada pelo Departamento de Ensino de Língua Portuguesa e Departamento de Ensino de Língua Tétum, da Faculdade de Educação, Artes e Humanidades, da Universidade Nacional Timor Lorosa'e (UNTL). Para começar esse nosso diálogo, poderia nos contar um pouco sobre a sua experiência na Educação em Timor-Leste?

Professor Benjamin: Bom, quando se diz experiência em Educação, nós temos dois estatutos: (i) o estatuto de beneficiário da Educação e (ii) o estatuto de professor, docente e administrador da Educação.

(i) *Como beneficiário da Educação*

Falando do meu percurso escolar, como beneficiário da Educação, percorri três regimes diferentes, ou seja, três períodos políticos diferentes do país. Comecei a estudar em 1967, no tempo português, e lembro-me bem que a novidade de ir à escola era qualquer coisa associada à muita exigência e disciplina. Depois o medo que tínhamos dos professores, por causa do seu rigor, da disciplina, das ordens no âmbito escolar.

Fiquei três anos internado num colégio na mesma vila onde vivia. Mas os ambientes eram radicalmente diferentes, porque, em casa, eu era muito mimado. Eu fazia as coisas conforme o gosto, né? Eu era um sobrinho adotado por um tio. Então, era muito mimado. Minha tia mimava-me muito. Mas quando entrei no colégio, durante esses anos, vi um mundo totalmente a parte, diferente, com muita exigência, muita disciplina. Desde às cinco horas da manhã a gente tinha que acordar para ir à missa, para rezar o terço. O recreio era para trabalhar no campo durante uma hora e, depois, voltar às aulas, diariamente. Assim foram esses três anos consecutivos, mas deu muito resultado. Comportei-me bem, tendo maior sensibilidade.

Depois, ainda muito novo, com a idade dos doze anos, tive que ir à Dili para prosseguir os estudos, que hoje em dia seria o quinto ou sexto ano da Educação Básica. Naquela altura chamava-se Ciclo Preparatório. As minhas aulas decorriam onde é agora o campo central da UNTL. Eu morava com os meus irmãos e todos eles eram exigentes, então era quase uma continuação do colégio em casa, com horas de estudo, trabalhos de casa bem-feitos. E as notas sempre apresentadas para eles confirmarem, homologarem, minha disciplina. Se eu tivesse uma

nota má ou pouco boa, eles eram severos comigo. Então, fazia o esforço para ser um dos bons alunos da turma, né?!

Depois veio a Guerra, depois de dois anos que estava em Díli, veio a Guerra Civil. Nesse período, fomos todos para o interior, mas, depois, rendemos muito cedo. Minha família rendeu-se muito cedo. Portanto, em 1976, já estávamos outra vez a conviver com os indonésios militares, era uma convivência em um ambiente muito militarizado em uma pequena vila com batalhões a circular.

E vendo muitas crianças na vila sem fazer nada, decidiram abrir escolas. Eles, militares, abriram escolas nas instalações onde era o meu antigo colégio, um Colégio Católico, mas ministrado pelos militares. Aí foram quase um ano e meio de convivência e familiarização com o sistema indonésio de língua, com a ideologia do Estado Indonésio, muitas canções patrióticas da Indonésia. Também aprendíamos um pouco de inglês. Depois daquela era, havia um órgão juvenil para “indonesiar” rapidamente a juventude timorense, com a introdução dos valores daquele país. Naquele período, já não havia mais escola para eu prosseguir meus estudos na minha terra, Ainaro. Portanto, outros graus escolares tinham que ser em Díli.

Quando cheguei em Díli, os estudantes que finalizavam o pré-secundário tinham bolsa para estudar na Indonésia, e meu nome estava nessa lista. Só que, quando chego em Dili, meu irmão me diz assim: “Oh, tu vais muito cedo para a Indonésia e quando voltares vais ser um javanês, vais se tornar um javanesinho” (da ilha de Java, né?!). É melhor aguentar mais um bocado!”. Então, fiquei todo o ano de 1978 a jogar futebol aqui em Díli, nos bairros. Até que, em 1979, me ingresso para o Externato São José - Díli. Nessa época, lembro-me que coincidiu com uma notícia que estava a se espalhar em Timor, a morte do presidente Nicolau Lobato. O Presidente morre em 31 de dezembro de 1978 e, na semana seguinte, já estávamos a frequentar o Externato de São José, que ensinava português. Era quase uma coisa contraditória, morre o líder da Resistência, mas começamos as aulas em português. Achávamos normal ter aulas em português, porque os padres timorenses nunca iam ensinar em indonésio, porque não sabiam indonésio. Por isso, naturalmente, ensinavam em português. Nessa época, começou uma pressão, pelos meios da Igreja, de não abrir outra escola e não continuar com o Externato, mas isso foi sendo adiado até 1992, depois do Massacre de Santa Cruz, quando obrigaram o bispo de Timor a fechar a escola.

Em 1984, terminei o décimo segundo ano. Em 1985, eu e mais cinco colegas fomos os primeiros graduados daquela escola e ganhamos bolsa de estudo para ingressar em uma universidade da Indonésia.

O que importa aqui, nessa fala, é enfatizar o rigor e a disciplina da exigência escolar naquela época, porque, mesmo na miséria da guerra, o Externato de São José era como um oásis para nós. Os nossos professores eram padres, sacerdotes timorenses, que, naquela altura, fizeram seus estudos no município de Baucau, em Portugal e em Roma, não havia padres timorenses que fizeram estudos na Indonésia. Tínhamos conosco a presença de pessoas formadas em um ambiente maior, com tradição cristã muito forte em um mundo lusófono e com ligação em

Roma também. Tínhamos a mentalização constante do valor da educação, e a necessidade de valorizar a educação e tínhamos que nos esforçar muito. O entrosamento entre o Seminário e o Liceu integravam as estruturas dos partidos políticos, gente com muita bagagem para dar aulas. Então, aí estava o contraste, a miséria da guerra de um lado e uma boa educação por outro.

Na Indonésia, por sorte, estudamos em uma universidade cristã, protestante, muito organizada, muito progressista, que nos respeitava muito. Essa universidade tinha um programa muito específico para os timorenses. A nossa formação incluía viagens pagas para Timor por semestre, para realizar trabalhos de campo em Liquiçá e em Maubara, locais em que foram criados um centro para extensão rural. O conhecimento acadêmico obtido nessa universidade servia para fazer esclarecimentos à população em termos de saúde, higiene, de prática agrícola e de civismo, tudo isso consoante aos ramos de pesquisa de cada aluno. Eu fui destacado três vezes, ao longo de cinco anos dos estudos em Java, portanto, três vezes eu vim para Timor. Fiz também um intercâmbio internacional no Japão. Ou seja, saímos dali muito bem abastecidos de habilidades, de conhecimento e de abertura para o desempenho profissional com muita capacidade.

Isso foi o meu percurso até a licenciatura. Penso que foi pela escolha da licenciatura em língua inglesa que me deu mais capacidade para prosseguir os estudos e realizar concursos com bolsas financiadas. Foi daí que concorri para ir estudar minha pós-graduação na Austrália. Nessa época, por recomendação do reitor da minha universidade, eu deveria fazer o mestrado e o doutorado tudo seguido. Então, em cinco anos e meio, fiz o meu mestrado e o doutoramento na Austrália.

Toda essa experiência da guerra e da formação da indonésia foi muito importante porque me tornei uma pessoa muito disciplinada. Tanto no mestrado quanto no doutoramento fiz muito à vontade, acabei esses cursos dentro do prazo, por isso, voltei a Timor e me envolvi nas atividades como a exigência do Referendo da Independência de Timor, em 1999. Bom, essa foi minha trajetória enquanto beneficiário da educação.

(ii) Como professor, docente e administrador da Educação

Agora, do ponto de vista de quem ensina, de quem administra, eu dava aulas ainda jovem no Externato São José, antes mesmo de acabar o meu curso. Depois de voltar da Indonésia, dei aulas UNTIM – Universitas Timor Timur –, e viam que eu desempenhava o exercício de ensinar muito bem. Minha área de especialidade era o inglês e lecionava as disciplinas básicas todas. Os professores mais velhos acreditavam que eu podia ensinar bem e melhor. Eles eram todos funcionários administrativos e tinham que repartir o seu tempo para o trabalho da repartição pública e depois iam dar aulas quando estivessem livres. Na minha chegada da Indonésia, eles disseram para eu tomar conta das disciplinas deles, além das minhas. O benefício foi o inglês que eu tinha adquirido na Indonésia, me preparei bem, tanto que, quando fomos

ao teste para estudar na Austrália, fui o melhor candidato de Timor e um dos 19 melhores estudantes aprovados da Indonésia. Então, veio o Referendo da Independência de Timor, né?! E, depois disso, abrimos o que hoje é a Universidade Nacional Timor Lorosa'e (UNTL).

A terceira fase, o terceiro regime, foi nesse período pós-referendo, com outras circunstâncias, outras demandas, a situação do país ainda era diferente, mas a predisposição para estar à frente da universidade já havia, com a experiência de muitos colegas para ensinar na UNTL. Inclusive, o primeiro reitor foi o Dr. Armindo Maia. Depois, o Dr. Francisco Miguel Martins que já era professor também, assim como o Miguel Maia dos Santos, esses professores vieram da anterior Universitas Timor Timur. Todos os meus colegas, tanto da engenharia como das Faculdades, já tinham essa experiência de ensino e estavam predispostos a abrir uma universidade. Mas havia o problema de qualificação acadêmica para estar à frente dos diversos cursos.

Professor Benjamin, por falar nisso, particularmente, na questão da criação da Universidade Nacional Timor Lorosa'e (UNTL), depois do Referendo, o primeiro reitor foi o Professor Armindo Maia, depois de um ano, precisou deixar o cargo e nomeou você como reitor. Naquela altura, a universidade precisava de uma pessoa como você, com o seu rigor e com a sua capacidade intelectual. Nessa função que você assumiu, como se sentiu? Ou melhor, qual foi a experiência particular que o professor sentiu, naquela altura, quando dirigiu esta instituição?

Professor Benjamin: Bem, ainda bem que quando começamos discutir a abertura de uma nova universidade, tivemos um ensaio de ensino superior em Timor. No tempo indonésio, tínhamos a Universitas Timor Timur, por isso, não podemos deixar de ter uma universidade, já que ficamos independentes. Portanto, contra todos os argumentos dos internacionais, que não queriam ainda uma universidade em Timor, porque defendiam que Timor deveria contentar-se com o nível inicial apenas, o que não fazia sentido para a mentalidade da juventude naquela altura, porque se já podíamos ter uma universidade no tempo da ocupação da Indonésia, porque não poderíamos ter uma universidade enquanto independentes, não queríamos nos reduzir apenas ao Liceu. Portanto, formou-se daí a Universidade, com o senhor Dr. Armindo Maia à frente. Ele já exercia cargos de chefia à frente da Universitas Timor Timur, por isso, era a pessoa ideal para ser o reitor. Em quase um ano de sua administração, observávamos sua forma de gerir a universidade até ser a hora em que nós próprios, digamos assim, seríamos os “proprietários” de uma instituição nacional.

Mas, eu não tinha vocação para ser um administrador, quero dizer, reitor da UNTL. Eu estava mais dedicado aos estudos da Linguística, das línguas, do ensino, da didática da língua em si. Mas quando o Dr. Armindo foi convidado a ser Ministro da Educação na época, ele viu a necessidade de encontrar alguém para substituí-lo. Então, convocou o senado da universidade. Me lembro que, naquela altura, não havia ainda um estatuto da universidade, então, tivemos

que gerir por um estatuto aprovado internamente sobre essa mudança de governo, o que, segundo as práticas normais, o senado acadêmico é que deveria escolher o novo reitor.

Então, eu recebo uma chamada telefônica em casa, às três da tarde, do próprio Dr. Armando Maia, convidando-me para vir à universidade para discutir a substituição do reitor. Quando vim para universidade, eles queriam que eu fosse candidato. Respondi que não deveria ser candidato, porque as pessoas que estavam ligadas à gestão da universidade eram os vice-reitores e os decanos, portanto, encorajei-os dizendo que eles deveriam ser os candidatos.

No entanto, um colega interpelou e pediu para incluir meu nome na lista dos candidatos. Quando me candidatei, eles fizeram um lobby a favor da minha candidatura. De 41 ou 42 votantes, obtive 39 votos. Ou seja, fui arrastado para a Reitoria (risos). E o meu colega de trabalho, na altura, o professor Dr. Geoffrey Hull disse-me: “Olha, Benjamin, olha que mudaste de vida. Como administrador, não vai ser investigador”. Eu respondi: “Olha, paciência! O país está a exigir que eu seja assim, mas vou pôr um olho no Instituto Nacional de Linguística (INL) também”. Eu tinha sido nomeado diretor do INL um ano antes, né?! Então, mantive assim atrás dos bastidores a chefia do INL, porque não a passei a frente. Assim, fui reitor e, simultaneamente, diretor do INL. Isso, estrategicamente, foi muito acertado, porque todos aqueles que queriam falar da questão das línguas em Timor, política linguística, tinham que passar por mim, e quando queriam falar sobre a UNTL, tinham que passar por mim também. Então, tinha uma interlocução com muitos interesses e, às vezes, até contraditórios. Acredito que as pessoas tinham medo de mim, porque eu tinha argumento para tudo.

Sendo reitor da UNTL nesse período, atravesso também o período do *Governo de Transição UNTAET*, portanto, todos os interesses estavam aqui, em Timor, e muitos eram até contraditórios. Eu achei que a língua inglesa impôs um certo peso, assim como minha experiência internacional, por eu ter estudado na Austrália seis anos, e ter exposto toda a política do Timor na imprensa australiana. Ao contrário de Timor, em que a mídia era muito controlada. Ou seja, quando fui lá fora, pude detectar as tendências das conversas, porque eu falava um bom inglês e falava bem português, penso que eles sabiam que estava a lidar com alguém de peso. Fui membro de Conselho de Estado por dois períodos consecutivos, um com o Xanana Gusmão como Presidente da República, e outro com o Ramos Horta como Presidente da República. Era convidado para participar de todas as comissões que se podia imaginar em Timor. Ou seja, os tipos tinham que me encarar.

Eu só tinha que fazer uma coisa na UNTL, convencer os meus colegas e ter o apoio deles. Veja que nós estávamos em uma pirâmide em que só um doutor estava acima, uns dois ou três mestres no meio, e todos os outros colegas estavam somente com a licenciatura. Portanto, primeiro, precisei atrair a coragem desses colegas para voltar a estudar, mesmo não sabendo inglês e português. Encorajei-os a voltar estudar em vários países, menos na Indonésia. Foi uma época muito difícil, tanto que alguns precisaram estudar na Indonésia mesmo, por causa da língua.

Mas os primeiros professores que saíram de Timor para fazer uma pós-graduação, foram enviados a Portugal e ao Brasil. Seis foram para o Brasil, em Brasília, beneficiados com a bolsa do Governo Brasileiro; e cinco foram para a Universidade do Minho, beneficiados com a bolsa da União Europeia. Isso em 2005, quase não havia mais professor na UNTL (risos). O critério para eles irem estudar nesses países era o que deveriam saber um pouco português. Enquanto os poucos que falavam inglês técnico, consegui mandá-los ao Japão.

Com o tempo, não precisei mais de fazer campanha para os professores continuarem seus estudos, os que regressavam tanto do Brasil quanto de Portugal voltavam contando suas experiências aos colegas e isso os animava. No ano seguinte, todos já queriam estudar nesses países, por isso, a partir daí, não precisei fazer mais campanha (risos).

Professor Benjamin, a partir da sua explicação sobre a sua governação e do seu esforço em mandar os professores para continuar seus estudos no Japão, em Portugal e no Brasil mostra que existiam esses desafios, naquela altura. Além desses, quais outros desafios você encontrou na diretoria da UNTL?

Professor Benjamin: Nos anos da administração transitória, que foi do final de 2001 até 2002, em que se estava instalando o governo próprio de Timor, pois o período de transição não acabou com o Sérgio Vieira de Melo. Ele iniciou a transição no nível político, mas a nível de gestão do país ainda era uma transição com muitos anos pela frente.

Estávamos a gerir a UNTL à nossa maneira, muitas vezes, com hábitos indonésios. E a crítica política vinha sendo muito insistente para a mudança desses hábitos. Não é de um dia para o outro que mudamos a gestão de uma instituição tão grande como a UNTL, em que a maioria dos professores foram formados pelo sistema indonésio e não falavam inglês e português. Portanto, muitos professores continuavam a ensinar em indonésio porque era a língua que sabiam. As declarações políticas de termos duas línguas oficiais não podiam ser traduzidas tão logo na prática assim. O que se conquistou mesmo na UNTL foi a atitude de aceitar o sacrifício de aprender o português sem revolta, porque não havia nenhuma revolta institucional na UNTL. As pessoas foram assumindo esse novo desafio. Eventualmente, foram aprendendo português e ensinando em português, mas isso não poderia ser de um dia para o outro. Então, adotou-se bem certo aquele período de transição gradual para a introdução do português e a saída gradual da língua indonésia, que até agora não cumpriu o calendário fixo e ainda vai se prolongando.

Mas em termos de ganho foi a atitude. Quando eu falava em nome da instituição não havia contrariados, mesmo sabendo de antemão que as pessoas não sabiam português. Mas todos conformaram-se com a política oficial do Estado, da Universidade e do INL. Penso que a minha gestão na universidade para muitos foi vista como muito prolongada e que não poderiam penetrar, porque eu disciplinei logo no início. Havia várias cooperações aqui, cooperação com Portugal, cooperação com o Brasil, cooperação com a Austrália, cooperação

com o Japão, que ajudaram com os edifícios em Hera, a UNESCO, a UNICEF e o Banco Mundial. Todas essas agências eram a minha interlocução diária, e estávamos muito em sintonia com o Parlamento.

Em novembro de 2001, vinte e três anos atrás, fui convocado para depor na Assembleia Constituinte porque em umas das cláusulas da Constituição tinha que falar das línguas oficiais. Então, fui convidado para depor e fui a favor da língua portuguesa como língua oficial do país. Naquela época, quando visitei Portugal pela primeira vez, fui muito ovacionado lá.

Portanto, voltando à pergunta, o desafio foi, ainda sem muitas referências, insistir no cunho timorense da Universidade, perante o *Governo de Transição UNTAET*, que sabia que a liderança política ainda estavam a definir certas coisas e queriam colocar a Universidade à frente. Por isso, fizemos muito bem tendo uma aprendizagem coletiva na Universidade, com a cooperação internacional e a gestão do bem público. Era muito escasso o dinheiro na altura, mas, por causa da escassez, podíamos improvisar muita coisa para o bem. Hoje em dia, olhando para trás, parece que há muito recurso e muita má gestão.

Bom, professor Benjamim, você disse que foi convidado a depor no período da oficialização porque você é também um linguista e gostaríamos de saber o motivo da escolha dessa área.

Professor Benjamin: Bom, dispensando o gosto desde criança pelas coisas das línguas etc., quando saí do Liceu de Díli, do Externato São José, pensei que indo para a Universidade teria que estar em uma área em que eu me sentisse confortável, já que tinha sofrido tanto nesses anos de guerra. Então, escolhi a Linguística porque era confortável para mim.

Portanto, já tinha o português e o inglês e poderia ser exatamente professor dessas línguas para ensino. Quando fui entrevistado para continuar os estudos na Austrália, a minha reação espontânea foi: “*I like Literature*”, e o entrevistador que já conhecia o reitor da minha universidade, disse que meus dados estão mais inclinados para a área da Linguística. Eu queria Literatura, sem saber muito claramente a diferença entre uma área da outra. Então, fui para Sydney estudar Linguística. Mas, na verdade, se tivesse estudado literatura, teria limitado muito o meu campo de trabalho, no meu ponto de vista. Com a Linguística, tive uma plataforma mais ampla de atuação que pode ser aproveitada para ir à Literatura também. Pois, ir aos pormenores da língua fez com que de fato eu seria melhor na Linguística, mas aproveitei tudo da Literatura. Meu orientador fez primeiro Literatura e, depois, decidiu estudar Linguística. Então, na minha orientação disse que eu tinha duas teses de doutoramento, porque descrevo a cultura, a arte verbal de uma comunidade e, depois, faço a análise linguística. Então, quando meu orientador veio para cá em 2002, disse aos meus colegas: “*Benjamin, has done two Phds!*”. Meus colegas, “tu fizeste os dois?”. Respondi, fiz a descrição da cultura e depois fiz a análise da língua da cultura descrita.

Por que você escolheu essa abordagem de pesquisa, professor?

Quando era criança, eu via com fascínio aqueles nossos anciãos. Meu pai adotivo era Chefe de Suco, era um *Liruai*. E nos dias importantes, a população se reunia lá primeiro, antes de ir para a Vila. Dias grandes, né? Na Vila, os sete Sucos de Ainaro reuniam-se, mas havia uma pequena aglomeração primeiro em cada Suco, depois, todos iam para a Vila. E quando você marcha do Suco para a Vila, aí é que você vê os trajes, as indumentárias tradicionais, a exibição que inclui na tese, do *sergala*¹, do *lulik*², do *semai*³. Quer dizer, pessoas normais que eu conhecia, os tios e tratava-os como tios, *katuas*⁴, de repente, quando estavam com o traje tradicional e depois de terem tomado um pouco de whisky oferecido pelo meu pai, daí juntavam forças, coragem e bravura e começam a exibir atos rituais, com alguns dizeres.

Ao ouvir esses dizeres, eu ficava assim, “o que ele está a dizer? Eu falo mambae, mas não estou a entender isso. O que é isso?”. Eles anunciavam aqueles versos próprios dos *sergala*, próprio do *lulik*, e depois aqueles ritos de atuação como se fossem pessoas dominadas por um espírito qualquer, eles estavam mergulhados no espírito daquilo que vão dizer, eram uma pessoa diferente. E eu ficava assim: “E pá, esse tio, normalmente, não fala isso e agora tá...”. Isso sempre me fascinou, quer dizer, para mim, aqueles dizeres eram impenetráveis, não sabia o que era. Portanto, pensava, “como é que esse meu tio que não lê, sabe tudo isso. E são coisas longas, como sabem de cór?” E, depois, isso era ritmado, acompanhado com o *TEBE*⁵, as danças. Isso sempre me fascinou e nem estava na escola ainda. Quando me propus a fazer estudos do mestrado, pensei que havia preparação o suficiente para indagar o que eles estavam a dizer em *lulik* ou *sergala*. Há um réquiem timorense que as pessoas sabem realizar sem fazer um ensaio geral. Um enuncia e outros respondem. Qual é o segredo de tudo isso? Por isso, fui pesquisar. Então, com ferramentas da linguística, acabei por penetrar na arte da literatura.

O meu pequeno estudo em Ainaro foi repetido pelos meus alunos de língua inglesa e de língua indonésia, porque orientei teses em indonésio até 2007, e vi com fascínio que, de Lospalos à Oecusse, há quase um padrão de comportamento artístico e linguístico dessas várias línguas de todo o Timor. Fiquei a contemplar a descrição de cada trabalho, sobre cada realidade linguística do país todo. Quando os colegas, jovens estudantes, vinham com coisas de Baucau, de Lospalos, em relação aos ritos de funeral, de casamentos gentílicos, de colheitas agrícolas e as culturas locais, pude ver uma confirmação de padrões linguísticos e culturais e o funcionamento da língua na Cultura. Vi que há muitas semelhanças, embora as línguas sejam diferentes.

¹ É nome cântico guerreiro dos mambaneses, e normalmente este cântico entoado nas cerimónias culturais e rituais.

² Sagrado.

³ É uma canção de guerra dos falantes de Fataluku.

⁴ “Velhos”, mas aqui pode referir-se “Senhor”.

⁵ É uma dança tradicionais dos timorenses e, normalmente, exibida para receber as autoridades ou os visitantes.

Esse olhar de como a língua funciona foi um direcionamento para sua pesquisa qualitativa, na área do Funcionalismo, né?

Professor Benjamin: Exatamente. Na Austrália, se eu fosse escolher uma investigação assim “pura” da linguística, não teria muito acolhimento. O Funcionalismo me proporcionou isso. Mas, para os australianos, o Funcionalismo existe não para contradizer a Teoria Generativa de Noam Chomsky. Quando fui da Indonésia para a Austrália, fui com uma vertente generativista muito forte e minhas perguntas nas aulas lá chateava um pouco o professor (risos). Na verdade, para o contexto de Timor, o Funcionalismo dava mais resposta.

Mas, no mestrado, o meu orientador me orientou a fazer um outro estudo local, sobre a história da Austrália, de uma análise do discurso de um líder aborígina e a relação política entre esse líder e o primeiro-ministro da Austrália, na época. Portanto, só pesquisei minha proposta inicial no doutoramento.

Embora você tenha pesquisado na área do Funcionalismo, alguns anos depois se interessou pelos trabalhos do linguista Noam Chomsky? Por quê?

Professor Benjamin: Bom, quando fiz a minha monografia, na Licenciatura, fiz em inglês. Na indonésia, estudei em uma das universidades mais avançadas. Se você escolhe estudar em inglês, todo o ensino é dado em inglês, inclusive a tese de monografia. Então, decidi comparar o sistema fonético do tétum e do inglês, eu não fiz com o português. Tinha que se fazer da língua tétum, porque essa língua precisava de descrição. Então, nessas deslocções de estágio em Liquiçá, fui à minha gente, em Ainaro, para fazer a gravação de dados e levei essas gravações para dar evidências autênticas das falas do tétum, e o Chomsky era uma das referências do meu trabalho de monografia.

Na Austrália, em leituras sobre a Resistência de Timor, vi um texto do Chomsky e reconheci esse linguista que também era um analista político. Aí, apaixonei-me pelo homem, porque via uma proximidade emocional com o apoio que ele dava, com argumentos muito fortes, para a independência de Timor. Ele visitou Sydney enquanto eu era lá estudante. A comunidade timorense ofereceu-lhe uma grande cerimônia para discursar. Ficou lá uma semana, fazendo campanha só para Timor. Ele foi convidado, na época, para discutir na televisão com o funcionalista australiano, Michael Halliday, mas o Chomsky recusou porque disse que não foi à Austrália para fazer discussão Linguística. Ele disse que foi para falar dos direitos de um povo vizinho que está a morrer, o direito pela independência de Timor-Leste. Então, ele percorreu pela Austrália aquela semana toda falando sobre Timor, e os meus primos foram exhibir o *sergala* à frente dele. Eu não quis ir porque, de repente, eu ia ser visto como um cidadão indonésio entre os anti-indonésios, por isso não fui.

Bom, professor, você nos falou sobre a sua pesquisa, com interligação entre as áreas de linguística e literatura, sobre o funcionalismo e sobre Chomsky, mas, agora, mudando um pouco para o lado da Literatura, qual é sua visão sobre a Literatura Timorense?

Professor Benjamin: Bem, nós vamos tratar desse assunto em duas maneiras: uma é a necessidade de mais produção, que significa mais recolha para uma representação mais cabal da realidade timorense, quer dizer, nós estamos numa fase em que devemos incutir as pessoas capazes de investigação. Isto é, a recolha de falas desde as pequenas localidades, os resíduos da sabedoria local, para, a partir daí, reproduzir. Digamos assim, fazer crescer, avolumar, o testemunho escrito da vivência apenas folclórica tradicional da nossa gente. Portanto, a Literatura Timorense para frente deve ser vista a partir da necessidade do crescimento do mérito, que é uma urgência, mas significa também uma dedicação das pessoas inclinadas para essa área, de indagar e de acolher essa faceta que é tão frágil que é a tradição oral, que tem de ser recolhida, para ser transcrita, e ser interpretada e, se for possível, traduzida ao mundo, para podermos ter uma visão mais profunda, completa da nossa história e da nossa cultura.

Nós assistimos em outras áreas também, as pessoas interessadas na matéria, que geralmente vêm de fora. É muito provável que os padrões conceituais, mentais, dessa curiosidade estranha ou estrangeira, aproveitem os dados locais. Mas esses dados locais são tratados nos esquemas estrangeiros, em estruturas ocidentais. E depois disso, com o passar de muito tempo, afirma-se como uma verdade estabelecida. E isso faz com que nós perdamos a carruagem, no sentido de colocar ali também, em um sentido muito genuíno, muito original, de gente local que está perdendo a oportunidade.

A urgência agora é haver mais gente timorense interessada em indagar as suas raízes, e captar os dados enquanto são vernáculos, enquanto são originais, para poder assumir um nível de visibilidade mais ampla. Isso tem que ser tratado não com os esquemas já montados do saber, mas com o impulso de dar um sentido original em seu contexto. Assim, são retratos mais autênticos dos valores locais. Essa deve ser a orientação.

Professor, por falar sobre investigações e saberes locais, quais foram os avanços de descrição, análise e normatização da Língua Tétum no país?

Professor Benjamin: Ainda no período colonial, a adoção do tétum foi pela hierarquia da Igreja Católica, era exatamente para a catequese. Essa urgência foi vista e atuada pela Igreja, mas, assiduamente, foi educada também pela Administração Civil, que usou uma outra estratégia, a de promover intérpretes em cada local administrativo. O intérprete tinha um ofício, um estatuto muito respeitado na administração portuguesa, mas era limitado. Na Igreja não, promoveu-se o tétum para a catequese porque havia a urgência de propagar a fé numa língua em que a população pudesse facilmente entender.

A forma em que o tétum se alastrou rapidamente, no âmbito de atuação da Igreja, foi por causa da catequese desde bem cedo para o tétum. Assim, o tétum ganhou relevo associado à conversão da religião católica. Mas o tétum já vinha com uma conveniência prévia porque era a língua da aristocracia timorense e, assim, o povo não resistiu quando a Igreja adotou o tétum, porque era uma língua vista com certo respeito. Língua em que a aristocracia se comunicava. Penso que a Igreja até tentou no início com o *galolen*⁶ e depois não sei se com outra língua local, mas acabou por trabalhar com o tétum. E quando se diz que a Igreja ajudou a propagar, a difundir, foi mais nesse sentido de penetrar em localidades de língua original diferente do tétum, mas o tétum ficou ali como língua de aprendizagem da catequese.

Os primeiros dicionários, as primeiras gramáticas foram feitas pelos padres em uma tentativa de padronizar a ortografia da língua tétum para a catequese, mas ainda escreviam essa língua com a ortografia portuguesa. Portanto, a catequese e as homilias dominicais eram em tétum. Embora, a missa toda fosse em português porque não havia missal em tétum, o missal em tétum surgiu pela primeira vez em 1978-1979 durante a ocupação indonésia, quando obrigaram o bispo de Timor a não realizar mais missa em português, somente em indonésio. Os padres timorenses disseram que não podiam porque não tinham essa preparação, então, fizeram a contraproposta de fazer a missa em tétum. A partir daí, muitos padres, meus professores, sentaram-se para fazer a tradução do missal do português para o tétum. Eu e meus colegas que estudávamos no Externato São José, na época, éramos os datilógrafos dos padres na tradução, mas ainda não havia uma consistência ortográfica.

E esse processo, com certeza, aprofundou seus conhecimentos sobre o tétum. E você foi um dos fundadores do *Instituto Nacional de Linguística (INL)* e como você vê hoje os estudos linguísticos em Timor Leste?

Professor Benjamin: Quer dizer, fundador propriamente dito do INL foi o padre, que foi Ministro dos Assuntos Sociais no período de transição da *UNTAET*. Ele era um jesuíta timorense, muito conceituado, disse-me que precisávamos de abrir um Instituto de Linguística dentro da UNTL, e me nomeou para ficar na direção.

Então, o trabalho, na altura, era sobretudo descrever o tétum. Trabalho que já havia sido iniciado no tempo da ocupação da Indonésia, por iniciativa do próprio bispo, que pediu apoio dos linguistas australianos. Por que linguistas australianos? Porque veio uma delegação de bispos australianos para expressar solidariedade aos bispos de Timor, que solicitou ajuda de maneira concreta na produção de livros em tétum para ser introduzidos nas escolas católicas. Para trabalhar nisso, os bispos tinham que encontrar um linguista. Encontraram esse linguista católico, o Professor Geoffrey Hull. Ele tinha vantagem porque falava português, espanhol, dava aulas de italiano nas universidades australianas, falava mais outras línguas porque a mãe

⁶ É uma das línguas timorenses falada pela população de Manatuto Vila, Laleia, Cribas.

era egípcio-francesa e o pai era anglo-saxônico. Como ele tinha sido padre beneditino, tinha uma disciplina de trabalho muito forte.

O projeto foi entregue às mães australianas, então, o Geoffrey Hull disse às mães que para ajudar, teria que ler os documentos timorenses antes. Quando ele pegou o missal e o material de catequese feito na década de 1970, disse: “Nossa! Quanta percentagem de português há nesse catecismo e nesse missal”, e pensou: “Timor vai ter que adotar no futuro duas línguas”. Ele foi produzindo esses textos e mandou para cá, para as escolas católicas. Em 1999, foi pedido a ele para formular a tradução do tétum para o Referendo da Independência de Timor, “*Do you accept the autonomy package offered by the Indonesian Government for East Timor?*”. Eu estava na Austrália, na época. Isso tinha que ser dito em português, que já vinha das Nações Unidas; e do tétum tinha que vir de alguém que tinha conhecimento profundo. Então, ele traduziu em: “*Ita simu ka lae pakote autonomia ne'ebé Estadu Indonésiu oferese ba Timor?*”. Depois, apresentava-se o “sim” e o “não”, “loos” e o “lae”. A partir daí, quando voltamos para Timor, o padre disse que era para estabelecermos o INL e tomar conta dele. A primeira prioridade era padronizar a ortografia do tétum, mas para padronizar tínhamos que adotar princípios e tínhamos diálogos sempre com a Igreja.

Então, conforme o Decreto Lei que surgiu mais tarde, em 2004, era para não só desenvolver a descrição do tétum, mas de todas as outras línguas nativas de Timor. Essa é ainda uma parte muito reduzida. Enquanto o tétum entra numa fase de produção acadêmica, e cada vez mais criando neologismos, com um pêndulo maior do português, mas com tendências populares de termos em inglês etc., as línguas locais ficaram um bocado para trás, por quê? Porque falta investimento por um lado e merece uma orientação política. Entretanto, nós entramos numa batalha sobre a questão dos usos das línguas nas escolas, em que a aprovação das línguas locais parece ter mais importância do ensino do que propriamente para o registro dessas línguas, a descrição delas. Parece que quando se promove a discussão do mambae, por exemplo, é porque o mambae tem que ser ensinado às crianças na escola. E não, necessariamente, a discussão do mambae como língua, como uma realidade comunicativa em uma comunidade específica, com toda sua riqueza artística etc. Essa parte é que acho que há necessidade de investir mais, encorajar as pessoas a descreverem as línguas, recolher as línguas em toda a sua extensão, para, a partir daí, poder fazer muitas outras coisas.

A minha inquietação pessoal é todo aquele nível de expressão ritualística e artística que deve ser transmitido às novas gerações. Não os obrigar a decorar, não. Colocar de tal maneira no Currículo que o próprio aprendiz vê a necessidade de saber. Ele tem que se sentir interessado em aprender aquilo que está no Currículo. Por exemplo, quem não gosta dos poemas de Timor? Toda gente gosta, porque está carregado de sentido muito profundo, os provérbios e tudo isso. E o jovem é surpreendido quando alguém cita, ele vê isso como surpresa. Não é o que queremos. O que nós queremos é, nos conteúdos curriculares das escolas, quando estão a aprender poemas em português, na construção da poesia, nas características da poesia, na

métrica, é nessa altura que os estudantes têm que aprender e realizar o paralelo mambae⁷, o paralelo makasae⁸, paralelo fataluku⁹, para ele poder sentir a beleza da sabedoria da gente local, dos velhos anciãos que não estudaram e já produziam esse saber. Assim, ao estudar, o aluno se esforçará mais porque vai comparar essa beleza e a profundidade que os *katuas* já produziram.

Professor, para finalizar, pensando na importância da Educação para a nação de Timor-leste, o que você sugere, particularmente, para o ensino de línguas para as novas gerações?

Professor Benjamin: Acredito que investir mais na Educação, investir significa mais professores competentes, mais meios financeiros, mais materiais. Facilitar com que as crianças, adolescentes, jovens dominem prioritariamente as suas línguas oficiais. Isso responde à muita coisa. Responde primeiro a sua afirmação identitária, seu perfil cívico de cidadão timorense. Nós somos um país jovem e precisamos dominar bem uma língua primeiro, que vai ajudar a aprender a outra língua. Se você souber bem o tétum e bem o português, vai aprender muito bem o inglês. Garanto que se aprender bem o português primeiro, a aprendizagem do inglês será muito mais fácil. Isso aconteceu comigo.

A segunda orientação aos timorenses é estar em um mundo aberto. Nós já estamos implicados a viver no mundo, já não temos mais que estarmos isolados. A começar pela CPLP e depois com a ASEAN, pois já estamos vivendo em um mundo aberto. E nesse mundo somos inconfundíveis e temos que ser assim, inconfundíveis, quando falamos, quando escrevemos, e a língua é um componente importante para isso.

Agradecemos muito, professor Dr. Benjamin, pela sua disponibilidade em nos conceder essa entrevista.

Professor Benjamin: Agradeço também.

⁷ É uma das línguas timorenses falada pela população do município de Ainaro, Aileu, uma parte do município de Manufahi e uma parte da população de Ermera.

⁸ É uma das línguas timorenses falada pela população do município de Baucau e de Viqueque.

⁹ É uma das línguas timorenses falada pela população do município de Lautém – zona ponta leste

Direitos Autorais (c) 2024 Érica Marciano de Oliveria e Vicente Paulino



Este texto está protegido por uma licença [Creative Commons](#)

Você tem o direito de Compartilhar - copiar e redistribuir o material em qualquer suporte ou formato - e Adaptar o documento - remixar, transformar, e criar a partir do material - para qualquer fim, mesmo que comercial, desde que cumpra a condição de:

Atribuição: Você deve atribuir o devido crédito, fornecer um link para a licença, e indicar se foram feitas alterações. Você pode fazê-lo de qualquer forma razoável, mas não de uma forma que sugira que o licenciante o apoia ou aprova o seu uso.

[Resumodalicença](#)

[Textocompletodalicença](#)